

A Pesquisa da Pesquisa sobre o Ciberativismo LGBT no Brasil: Conhecendo os Estudos¹

John Willian LOPES²

Maria do Socorro Furtado VELOSO³

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

Resumo

Neste trabalho apresenta-se os resultados da pesquisa das produções científicas no Brasil sobre o ciberativismo LGBT. Objetiva-se demonstrar como tais investigações abordaram essa temática enquanto objeto de estudo. Desta maneira, delimitou-se o período de 2006 a 2016 (10 anos) como baliza e recortou-se a busca em quarto bases de dados que estão disponíveis na internet. Assim, constata-se que houve uma produção diminuta e recente sobre o ciberativismo LGBT – poucos mais de uma dezena –, publicados a partir de 2010, sendo a maioria artigos científicos; e que, portanto, o tema ainda é pouco investigado dentro do campo da comunicação e dos estudos de práticas ciberativista de modo geral – mesmo se verificando uma proliferação desses estudos.

Palavras-chave: pesquisa da pesquisa; metodologia; pesquisa em comunicação; ciberativismo LGBT.

Introdução

Este artigo tem como objetivo apresentar e discutir os resultados da pesquisa das pesquisas científicas brasileiras que tomaram como objeto de estudos o ciberativismo pelos direitos LGBT, seja com abordagem direta ao objeto, como elemento central, ou secundária, não tendo esse aspecto como foco, mas mesmo assim abordando-o.

Na discussão sobre a dimensão metodológica nos trabalhos científicos, Jiani Bonin (2008, 2011) propõe pensá-la como aquela que “nor-teia, orienta, encaminha os processos de construção da pesquisa, em todos os seus níveis” (2008, p. 121). Considerando esta assertiva, a autora reflete as práticas dessa dimensão no campo da comunicação enquanto

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Cultura Digital do XVII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPgEM/UFRN). Integra o Grupo de Pesquisa Pragmática da Comunicação e da Mídia (Pragma/UFRN), email: johnwillianlopes@gmail.com.

³ Doutora em Ciências da Comunicação (ECA/USP) e pós-doutora com estágio na Universidade Nova de Lisboa (UNL, Portugal). Docente associada do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia, vice-coordenadora do curso de Jornalismo, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Integra o Grupo de Pesquisa Pragmática da Comunicação e da Mídia (Pragma/UFRN), email: socorroveloso@uol.com.br.

movimentos metodológicos importantes no processo de construção da investigação científica. Assim, apresenta as práticas de “pesquisa teórica”, “pesquisa metodológica”, “pesquisa da pesquisa”, “pesquisa de contextualização” e “pesquisa exploratória”. Estas operações, salienta, devem ser trabalhadas de modo articulado e coincidente (BONIN, 2008).

Embora seja um desses movimentos – a pesquisa da pesquisa – o foco deste texto, apresenta-se resumidamente os demais. Através da pesquisa teórica o pesquisador familiariza-se com as elaborações teóricas constituídas ao longo do tempo no seu campo de investigação e que guardam fecundidade, porém, precisa submetê-las à críticas e reformulações; na metodológica, implica investir no trabalho de reflexão sobre teorias do método para embasar a construção da investigação, pensando esta dimensão como lugar responsável pela fabricação do conhecimento científico válido; a pesquisa exploratória concerne à realização de sucessivas e fortes aproximações empíricas para dar conta dos objetos que se investiga na comunicação, sob variadas angulações possíveis de interesse à pesquisa em construção, utilizando diversos recursos, desde dados secundários até a observação direta de fenômenos; na de contextualização, evita-se reduzir a pesquisa a um exercício abstrato, sem vinculações com a realidade concreta, além de permitir que o pesquisador tenha visão abrangente e particular do fenômeno, de modo que adote práticas que possibilitem a construção de múltiplos contextos referentes à problemática.

A pesquisa da pesquisa é, na proposição de Bonin (2008, 2011), um dos componentes arquitetônicos fundamentais na elaboração de uma investigação científica. Uma prática na qual o pesquisador permite-se aproximar do que é produzido e, a partir disso, avançar nas reflexões do que se está investigando, ou pretende investigar. Perceber os problemas e conhecimentos vivenciados nas investigações é um dos ganhos, diga-se, da pesquisa da pesquisa, que no campo da comunicação favorece, por exemplo, a “formulação de questionamentos que tragam à luz novas dimensões dos fenômenos comunicacionais” (BONIN, 2011, p. 36).

Trabalhar com as investigações produzidas no campo ou outros próximos a ele, exige, além a ação do mapeamento, o trabalho de desconstrução, reflexão e apropriação do que é oferecido por aquelas. Desse modo, esta operação oferece elementos para elaboração da problemática e autoconstrução do pesquisador, para pensar possibilidades e propostas férteis, visualizar insuficiências e iluminações “para arquitetar métodos e procedimentos constitutivos da investigação em processo” (BONIN, 2008, p. 123).

Considerando estas ponderações, definiu-se o período de 10 anos como baliza, ou seja, de 2006 a 2016, e optou-se por quatro bases de dados disponibilizadas na internet. Além de disporem de quantidade significativa de trabalhos, as bases elencadas também têm grande abrangência em relação ao tempo, bem como são consideradas de referência no meio acadêmico. Neste sentido, as bases escolhidas foram: Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)⁴, anais dos congressos nacionais e regionais da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom)⁵, anais dos encontros nacionais da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós)⁶ e os anais dos encontros nacionais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs)⁷.

Antes da efetiva apresentação e interpretação (*quanti-quali*) dos dados colhidos, demonstra-se alguns estudos de natureza semelhante que procuraram compreender as aproximações e distanciamentos entre os estudos da comunicação e de gênero e sexualidade; depois os procedimentos de pesquisa, desde a escolha das bases e suas funcionalidades e o processo de busca.

Retomando outras investigações

Antes da tessitura de apontamentos a respeito dos frutos da pesquisa realizada, serão apresentadas constatações trazidas por outros estudos de natureza semelhante, temas correlatos, porém enfoques diferentes. Estudos que são, a propósito, achados decorrentes do próprio processo de pesquisa da pesquisa. Antes, reitera-se que não é tão necessário, aqui, reproduzir ou perscrutar toda a processualidade metodológica dessas pesquisas. Serão, portanto, revisitados brevemente apenas aspectos que se toma como “alinhados” ao propósito geral, o da apresentação lacônica desses trabalhos.

O primeiro resgate que se faz concerne ao trabalho realizado por Lazarin e Rodrigues (2014). No texto, os autores apresentam os resultados do levantamento de teses e dissertações produzidas nos programas de pós-graduação em comunicação no Brasil, entre os anos de 1992 e 2008, que abordam o tema LGBT – seja como objeto de estudo

⁴ Pode ser consultado em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/>>. Acesso em 03 nov. 2016.

⁵ Pode ser consultado em: <<http://www.portalintercom.org.br/>>. Acesso em 03 nov. 2016.

⁶ Pode ser consultado em: <<http://www.compos.org.br/>>. Acesso em 03 nov. 2016.

⁷ Pode ser consultado em: <<http://www.anpocs.org/>>. Acesso em 03 nov. 2016.

ou com referenciais teóricos. Se propuseram, desse modo, apontar as características teóricas e metodológicas das contribuições desse campo para os estudos sobre gênero e sexualidade.

Dos 7.350 trabalhos apresentados nesse período (1992-2008), apenas 51 abordaram a temática LGBT. Tomando estes trabalhos (os 51) como *corpus*, os autores os categorizaram quanto à sua abordagem: 34 de forma direta, 17 de maneira tangencial (LAZARIN; RODRIGUES, 2014). O primeiro tipo diz respeito aos que colocaram a temática LGBT (a homoafetividade e ou seus sujeitos) de forma central, explícita, o segundo faz referência – como sugere – aos que abordaram de forma tangencial, ou indireta. Quanto aos meios de comunicação estudados, a televisão e a revista ocuparam lugares de destaque na atenção dos trabalhos. Em relação aos conteúdos midiáticos abordados pelos estudos levantados, maior parte refere-se ao jornalismo (21), seguidos da publicidade e ficção (12 cada). Ao cruzarem os dados sobre o tipo de abordagem e o conteúdo comunicacional, Lazarin e Rodrigues (2014) verificam que os estudos em jornalismo e ficção são os que enfrentaram de forma direta o tema LGBT, enquanto aqueles em publicidade de forma tangencial.

Por fim, constatam que somente a partir de 1997 que os estudos em comunicação no Brasil, no âmbito da pós-graduação, vêm abordando a temática LGBT. Como é possível ver, apenas uma pequena fração tem procurado estabelecer relações produtoras entre os dois campos de pesquisa.

Scherer (2016), que em sua dissertação de mestrado estudou o consumo midiático de mulheres transexuais e travestis e as relações de gênero em uma comunidade online (Mundo T-Girl) no Facebook, dedica algumas páginas para apresentar os resultados de um levantamento referente às pesquisas na área de comunicação, nas quais é possível identificar a presença da problemática de gênero articulada aos estudos da mídia. Para isso, a autora centrou sua busca nas dissertações, teses e artigos publicados no período de 2010 a 2014. Assim como Lazarin e Rodrigues (2014), Scherer (2016) também delimitou a procura ao Banco de Teses e Dissertações da Capes e, para os artigos, aos anais dos congressos da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom).

O levantamento nos anais da Intercom resultou em 115 trabalhos que abordam relações de gênero. Desse total, porém, apenas 24 versam sobre “sexualidades que não são heterossexuais” (SCHERER, 2016, p. 102). Ou seja, a maioria dos estudos têm como

foco as relações de gênero heteronormativas – especialmente nas mulheres. Dentre aqueles (24) que tratam da homossexualidade, na maioria deles a masculina aparece problematizada. Há nesses trabalhos, segundo a autora, a preferência pelo estudo da mensagem – por exemplo, ao analisar o processo de construção da homossexualidade ou da representação da mulher pela mídia.

A busca por teses e dissertações no mesmo período (2010-2014), por meio de termos como “gênero”, “LGBT”, “transgênero”, “transexual” e “travesti”, resultou em apenas cinco trabalhos na área de comunicação. O panorama desses estudos, constata Scherer (2016), é consoante com aquele formado pelos artigos, ou seja, há uma centralidade no estudo de gêneros com base heteronormativa, além do privilégio ao estudo da mensagem.

Talvez o esforço de pesquisa da pesquisa que relaciona a temática LGBT e estudos de mídia que mais se aproxima daquele que é proposto aqui seja o empreendido por Cruz e Aguiar (2012). Delimitando o período de 2007 a 2011, as autoras buscaram nos anais dos congressos nacionais da Intercom trabalhos que tivessem como foco as relações entre o ciberativismo e as lutas anti-homofobia. A pesquisa fora realizada em duas vertentes: uma sobre ativismo no ambiente digital, a outra sobre gênero e sexualidade, por meio de termos-chave, entre os quais “homofobia”, “homossexualidade”, “*gay*”, “LGBT” etc.

No que se refere ao debate sobre homofobia, apenas 8 artigos abordavam a temática, porém de modo tangencial. Isto é, abordagens incidentais direcionadas à análise das identidades LGBT na mídia e a recepção de personagens homossexuais (*gays*) em telenovelas (CRUZ; AGUIAR, 2012). As autoras apontam, ainda, que no campo do ativismo digital os estudos direcionavam-se, especialmente, para os temas ambientais, zapatismo e a rede Avaaz.org - seguramente pode-se apontar também um número interessante de trabalhos que tomam como objeto, por exemplo, o WikiLeaks ou mesmo o Anonymous.

De modo geral, na constatação das autoras não foi encontrado nenhum trabalho que cruza os dois objetos buscados, o ciberativismo e a luta contra a homofobia. A partir disso, sugerem uma tendência da academia em reproduzir o interesse por temas de maior visibilidade midiática, de modo que isso indica uma despolitização na grande mídia nacional da luta anti-homofobia (CRUZ; AGUIAR, 2012).

Como pontuado antes, os estudos apresentados (LAZARIN; RODRIGUES, 2014; SCHERER, 2016; CRUZ; AGUIAR, 2012) são achados do próprio processo de pesquisa

da pesquisa, cada qual dentro das suas delimitações metodológicas e de intencionalidades. O *revolvêre* em direção a trabalhos semelhantes em sua natureza e temática torna-se pertinente ao passo que possibilita um entendimento mais amplo das discussões que emergem da aproximação entre os estudos da comunicação midiática e os estudos de gênero e sexualidade, bem como daquelas que submergem. Dito de outro modo, se é possível verificar alguma recorrência de formas de abordagem de um campo de estudos *sobre e em relação* ao outro, deve-se considerar também que outras são pouco exploradas.

Procedimentos da pesquisa da pesquisa

A partir deste ponto, serão apresentados os resultados da pesquisa sobre as produções científicas que tomaram como objeto o ciberativismo LGBT. Como explicitado antes, tomou-se como baliza o período de 2006 a 2016, correspondente a 10 anos, e quatro bases de dados.

A primeira base selecionada e consultada para esta pesquisa foi o Banco de Teses e Dissertações da Capes. Esse banco, que faz parte do Portal de Periódicos da instituição, reúne informações de teses e dissertações defendidas no país desde 1987, que são fornecidas anualmente pelos próprios programas de pós-graduação.

O sistema de busca dos trabalhos disponíveis na base é bastante intuitivo. A partir da inserção do termo que se deseja (que pode ser simples ou composto) na barra de busca, surgem outros filtros pelos quais se pode navegar: autor, orientador, banca, área de concentração, nome do programa, instituição e a biblioteca de depósito. Em seguida, os trabalhos encontrados são organizados em lista e em formato de referência bibliográfica. Para os textos defendidos a partir de 2013, há um *link* com mais detalhes, como resumo (e *abstract*), palavras-chave (e *keywords*) e o texto completo disponível para *download*.

É preciso esclarecer que essa base é primordialmente referencial, isto é, dispõe apenas as referências para os usuários, que se encarregam de localizar o trabalho completo. Apenas a partir de 2013 que os documentos são inseridos integralmente, uma vez que também são inseridos na Plataforma Sucupira⁸.

Também delimitou-se a busca aos anais dos congressos realizados pela Intercom, tanto os regionais quanto os nacionais. A instituição realiza desde 1977 o Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, um dos maiores e mais importantes da área no

⁸ Pode ser consultado em: <<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/>>. Acesso em 03 nov. 2016.

país. Sem fins lucrativos, a Intercom se destina ao fomento e troca de conhecimento entre pesquisadores e profissionais do mercado, bem como procura estimular o desenvolvimento da produção científica nos níveis da pós-graduação e graduação, tratando de maneira interdisciplinar o compartilhamento dessa produção.

Além dos anais dos eventos, a Intercom disponibiliza em seu site o caminho para o Portal de Acesso Livre à Produção em Ciências da Comunicação (Portcom)⁹, criado em 1981 como repositório institucional com acesso gratuito de informações sobre a produção científica e as memórias da instituição. O sistema oferece a busca por termos-chave, de forma simplificada e avançada – quando se combina mais de um termo e em campos diferentes. Ao encontrar um trabalho que corresponda à busca, aparecem inicialmente o título, autor, evento, Divisão Temática (DT), Grupo de Pesquisa (GP) e categoria, depois o resumo, palavras-chave e o *link* para *download* do trabalho na íntegra.

Apesar das vantagens do Portcom, não se restringiu à sua utilização, pelo fato de que, até a data de acesso ao portal, não havia disponíveis os trabalhos publicados nas edições de 2015 e 2016. Nesse sentido, percorreu-se as páginas destas edições individualmente – que apresentam sistema de busca semelhante ao encontrado na Compós, como se verá.

Outra base consultada foi a da Compós. Fundada em 1991, a instituição tem como associados os programas de pós-graduação em comunicação do Brasil, tanto de instituições públicas quanto privadas. O seu principal objetivo é o fortalecimento e a qualificação desses programas. O primeiro encontro anual da Compós ocorreu em 1992, no Rio de Janeiro, e desde então vem sendo realizado ininterruptamente – em 2016 ocorreu a 25ª edição. Apesar disso, no site estão disponíveis apenas os anais dos encontros a partir do ano 2000.

A base da Compós também oferece um sistema de busca dos trabalhos publicados. Ao acessar o site, o usuário primeiro precisa escolher a edição que deseja, em seguida aparecem as formas de busca: índice de autores, listados em ordem alfabética – ao clicar, abre-se o trabalho ao qual o autor está vinculado; trabalhos por GT – abre-se uma página com todos os grupos de trabalhos, clicando em algum deles aparecem os respectivos trabalhos, identificados pelos títulos e autorias; e barra de busca, na qual o usuário pode adicionar o termo desejado – a busca é realizada nos títulos e autores. Quando há retorno,

⁹ Pode ser consultado em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/>>. Acesso em 03 nov. 2016.

aparecem as informações de título, autoria e GT, além do grifo no termo consultado e *link* para acessar o documento.

Por fim, a opção pelos anais dos encontros da Anpocs. A associação, que reúne centros de pós-graduação e de pesquisa de todo o país nas áreas de antropologia, ciência política, relações internacionais e sociologia, procura promover o ensino, a pesquisa e a divulgação científica nessas áreas, articulando a produção acadêmica à agenda debatida no Brasil e no exterior. Os encontros anuais da associação acontecem desde 1977, com 40 edições realizadas até 2016.

Optou-se por essa base justamente pela proximidade com o campo da comunicação, especialmente de dois Grupos de Trabalhos (GT) – em edições anteriores à de 2016 eram nomeados de Seminários Temáticos (ST): o “Ciberpolítica, ciberativismo e cibercultura” e “Mídia, política e eleições”. Diferentemente das outras bases, a Anpocs não disponibiliza – até então – um sistema otimizado de busca dos trabalhos publicados. Para consultá-los, o interessado deve acessar cada edição do evento, escolher o GT e o documento, identificado pelo título e autoria do trabalho.

Resultados da pesquisa da pesquisa

Partindo dessas quatro bases, realizou-se a busca utilizando as palavras-chave “ciberativismo”, “ativismo em rede” e “ativismo digital”, cruzando-as com “movimento LGBT”, “LGBT”, “gênero” e “homossexualidade”. A adoção dessas palavras ocorreu na intenção de abranger a diversidade dos termos frequentemente utilizados. Em seguida, realizou-se a seleção dos trabalhos por meio da leitura dos títulos, resumos e palavras-chave.

Apresentadas as bases de dados e os procedimentos utilizados, passa-se agora para os resultados da pesquisa. Considerando estes últimos preceitos e o espaço de tempo definido, de 2006 a 2016, foram documentados 11 trabalhos. Desses, três do Banco de Teses e Dissertações da Capes, sete dos anais dos congressos da Intercom, e um dos anais dos encontros da Anpocs – não foi encontrado trabalho nos anais da Compós. Sobre o tipo das produções, a maioria é de artigos científicos, oito ao todo, duas dissertações de mestrado e uma tese de doutorado.

No quadro a seguir, são listados todos os trabalhos encontrados com indicação de autoria, tipo e ano de publicação.

Quadro 1 – Trabalhos sobre o ciberativismo LGBT

Título	Autoria	Tipo e ano de publicação
Ação “pela” e “na” internet: impactos dos usos das Novas Tecnologias de Comunicação e Informação nas ações políticas do movimento LGBT brasileiro.	NAZARÉ, Marcela Peregrino Bastos de.	Dissertação (Mestrado) - 2013
Ativismo anti-homofobia: embates político-midiáticos da Rede LGBT na Internet.	CRUZ, Carole Ferreira da.	Dissertação (Mestrado) - 2014
“Muito prazer, eu existo!” Visibilidade e reconhecimento no ativismo de pessoas trans no Brasil.	CARVALHO, Mario Felipe de Lima.	Tese (Doutorado) - 2015
Comunicação e as novas tecnologias no contexto de atuação política dos movimentos sociais contemporâneos: um estudo do portal ILGA.ORG.	SARDINHA, Antonio Carlos; KERBAUY, Maria Teresa Miceli.	Artigo científico - 2010
Os desejos e anseios da blogosfera LGBT brasileira em posts.	MARTINS, Jessé; MALINI, Fábio.	Artigo científico - 2010
Ciberativismo anti-homofobia: invisibilidade, fragilidade do campo e nova agenda de pesquisa.	CRUZ, Carole Ferreira da; AGUIAR, Sonia.	Artigo científico - 2012
A sexualidade como campo de batalha na internet: grupos religiosos e movimentos feminista e LGBT na luta em torno dos direitos sexuais.	RAMOS, Jair de Souza.	Artigo científico - 2013
A rede sai do armário: o ciberativismo do arco-íris.	COTTA, Diego de Souza.	Artigo científico - 2014
Movimentos sociais em rede: um estudo sobre a campanha #VoteLGBT.	LOPES, John Willian; VELOSO, Maria do Socorro Furtado.	Artigo científico - 2016
Redes sociais como ferramentas de apoio a movimentos civis: Uma análise qualitativa no movimento LGBT caruaruense.	HASCEMBERG, Ayrton; ENDO, Patricia Takako; CAMELO, Marjony Barros.	Artigo científico - 2016
O ciberativismo LGBT: uma análise do Canal das Bee na articulação e promoção do diálogo entre jovens.	WOLLINGER, Leonardo Bertoldo Werner; OLIVEIRA FILHA, Elza Aparecida de.	Artigo científico - 2016

Fonte: Elaboração nossa.

Com relação à área de concentração desses trabalhos, três não estão na de comunicação, sendo um da saúde coletiva e dois de ciências sociais. Sobre o período de publicação, constata-se que os trabalhos surgem apenas a partir de 2010, com duas produções. Nos anos seguintes foram: em 2012, uma; 2013, duas; 2014, duas; 2015, uma; e 2016, três – não há produções em 2011. Mais da metade desses trabalhos são originados de pesquisas desenvolvidas na região Sudeste do país (seis), seguida da Nordeste (quatro) e Sul (um).

Outro ponto verificado nesta pesquisa foi o emprego das palavras-chaves pelos autores dos trabalhos. Aquelas que apareceram com mais recorrência foram: “Ciberativismo” (quatro), “Internet” (quatro), “LGBT” (quatro), “Movimentos sociais” (três), “Movimento LGBT” (duas), “Redes sociais” (duas) e “Repertórios de ação” (duas). A disposição desses termos permite alguma compreensão da abrangência dos assuntos tratados nas pesquisas, bem como dos principais conceitos abordados nelas.

Apurou-se, também, quais foram os referenciais teóricos utilizados. Por efeito da grande quantidade de fontes, ordenou-se as mais citadas. O número de citações corresponde às vezes em que aquelas foram mencionadas no tópico das “referências bibliográficas” dos trabalhos. Nota-se que as menções aos referenciais foram contadas individualmente, embora alguns dividam a autoria de determinadas obras. No próximo quadro são elencados os autores que têm mais citações – a partir de três.

Quadro 2 – Autores mais citados nos trabalhos

Autores	Nº de citações
FACCHINI, Regina.	15
CARRARA, Sérgio; CASTELLS, Manuel.	12
FOUCAULT, Michel; MAIA, Rousiley Celi M.	11
HONNETH, Axel.	8
AGUIAR, Sonia; RAMOS, Silvia; SIMÕES, Assis Júlio.	7
GOHN, Maria da Glória.	6
LÉVY, Pierre; RECUERO, Raquel.	5
BENTO, Berenice; CARVALHO, Mario Felipe de L.; LACERDA, Paula; VIANNA, Adriana R. B.	4
ANTOUN, Henrique; BAUMAN, Zygmunt; BECKER, Howard. S. BOLAÑO, César Ricardo S.; BOURDIEU, Pierre; BUTLER, Judith. FREITAS, Ernani C.; FRASER, Nancy; GOFFMAN, Ervin; GOMES, Wilson. HABERMAS, Jürgen; LEMOS, André; MACRAE, Edward. MALINI, Fábio; MARQUES, Angela Cristina S.; MONTARDO,	3

Sandra P. MURTA, Daniela; PEREIRA, Marcos Abílio G.; SANTOS, Gustavo Gomes da C.; SCHERER-WARREN, Ilse; SLATER, Don; TILLY, Charles; VIZER, Eduardo.	
--	--

Fonte: Elaboração nossa.

Dividindo esse quadro por campo de estudo, verifica-se que os autores mais citados no da comunicação foram Manuel Castells, Rousiley Maia, Sonia Aguiar, Pierre Lévy e Raquel Recuero, que abordam em seus trabalhos a temática das mobilizações *na e em rede* – além de Henrique Antoun, André Lemos, Fábio Malini, Marcos A. G. Pereira. Entre os que investigam os movimentos por direitos LGBT, destacam-se Regina Facchini, Sérgio Carrara, Silvia Ramos, Assis J. Simões. Além desses, outros autores recorrentes nas investigações foram Axel Honneth (sobre o reconhecimento), Michel Foucault (sobre relações de poder e sexualidade) e Maria da Glória Gohn (sobre os movimentos sociais).

A partir da leitura dos resumos, procurou-se identificar e sistematizar os objetos de estudo e os processos metodológicos dos trabalhos. Acrescenta-se, todavia, que alguns resumos não apresentaram ambos os elementos – ou o fizeram de modo sinuoso –, necessitando a verificação imediata no corpo do trabalho¹⁰.

Assim, cotejando as produções, no que tange aos objetos de estudo, optou-se por organizá-las em áreas temáticas, como recurso para compreensão e interpretação dos dados. Não se configuram, por isso, em unidades indivisíveis ou que não permitem o trânsito entre uma e outra – ou mesmo o atravessamento. Neste sentido, propõe-se: estudo da mensagem ciberativista, da sua organização, formatação e conteúdo; estudo das relações e interações entre atores, sejam coletivos e/ou individuais, divergentes e/ou consoantes; estudo das relações entre as ações ativistas *on* e *offline*; estudo das dinâmicas organizacionais internas a partir da adoção central das redes de comunicação digital; o estudo destas enquanto ferramentas de mobilização, expansão e consolidação de práticas ciberativistas; estudo teórico sobre o ciberativismo LGBT.

Alguns trabalhos trataram de forma secundária a leitura dos objetos enquanto práticas ciberativistas, ou seja, não os focalizando integral e exclusivamente dentro dessa abordagem, mesmo assim reconhecendo-a, ao passo que não trabalharam, também, uma discussão conceitual do que poderia se compreender por ciberativismo – cingindo o debate *lato* sobre mobilizações políticas no contexto da sociedade em rede.

¹⁰ A consulta ao corpo foi obrigatória no texto de Ramos (2013), uma vez que não consta um resumo, como os demais.

Entre os que abordaram de modo direto, como elemento central, identifica-se que nem todos, porém, procuraram igualmente conceituar – ou mesmo aclarar – o conceito de ciberativismo. Apenas mencionando-o ou utilizando-o como sinônimo para expressão de atuações em redes digitais. São poucos os trabalhos que tomaram o ciberativismo LGBT como objeto e refletiram a fundo sobre as implicações teóricas ou mesmo metodológicas do seu emprego.

Quanto aos processos metodológicos mais observados, de modo geral, foram: abordagem qualitativa; estudo de caso; pesquisa bibliográfica, exploratória, descritiva; pesquisa de campo; observação; realização de entrevistas semiestruturadas; levantamento bibliográfico, etnografia e etnografia virtual; análise descritiva e análise de conteúdo.

Considerações finais

As ponderações apresentadas até aqui pretenderam identificar e refletir o panorama investigativo nacional no que concerne às pesquisas científicas que tiveram o tema do ciberativismo LGBT enquanto objeto de estudo. Em vista disso, realizou-se dois movimentos: a pesquisa da pesquisa, com a consulta direta às bases de dados escolhidas; e a pesquisa de pesquisas que realizaram o levantamento de outros estudos.

Este segundo movimento permitiu uma compreensão mais ampla das aproximações e distanciamentos entre os dois campos de investigação, o da comunicação e dos estudos de gênero e sexualidade, justamente porque buscou-se subsídios em estudos anteriores que tiveram como escopo averiguar essas relações – também revisitando as produções científicas.

Entre o início da década de 1990 e final dos anos 2000, um número diminuto de pesquisas na área da comunicação abordaram a temática LGBT. A partir do ano de 2010, há prevalência de estudos no campo da comunicação que abordaram relações de gênero com foco nas heteronormativas. Os poucos que trataram da homossexualidade focaram na problematização da masculina. Primam análises sobre a construção de representações e de identidades, tendo como objeto as mensagens midiáticas, e sobre a recepção de personagens homossexuais na ficção, principalmente.

Partindo dessas considerações e retomando alguns resultados da pesquisa empreendida, verifica-se que a produção sobre o ciberativismo LGBT ainda é assaz discreta. Foram encontrados somente 11 trabalhos, tomando como referência quatro bases de importância para o campo e ampliando o tempo de busca em 10 anos (2006 a 2016).

Além de recentes (a partir de 2010), boa parte desses poucos trabalhos parecem se encontrar em um âmbito de familiarização e experimentação do conceito, suas tipologias e empregos.

Como verificou-se, a maioria das produções são artigos científicos. Não há teses no campo da comunicação – nesse período – que investigam a temática debatida aqui, e a única encontrada é da saúde coletiva – que não colocou tal temática como central. Há apenas uma dissertação de mestrado em comunicação, a outra é das ciências sociais. Espera-se com estes apontamentos, portanto, contribuir para o esclarecimento desse campo de investigação, mostrando o que foi produzido, possibilidades futuras e insuficiências, seja na dimensão teórica ou metodológica.

Um tensionamento pertinente a se fazer é sobre as questões que recobrem essa pouca quantidade de pesquisas sobre o ciberativismo LGBT. Essa reflexão interessa na medida em que se verifica uma proliferação de estudos nos últimos anos sobre práticas ciberativistas de modo geral, que parecem não repercutir em investigações sobre aquelas direcionadas para os direitos LGBT. Outros supuseram, como já relatado, que há certa tendência do meio acadêmico por temas de maior visibilidade. É evidente que a discussão desse ponto é bastante complexa e, por isso, serve como ponto de partida para incursões futuras. Por fim, um apontamento sobre este trabalho – e serve de observação para outras propostas – é que ele não contemplou as produções publicadas em periódicos científicos da área (Comunicação e Informação) ou de correlatas. Embora a incorporação desses periódicos – considerando o mesmo período de tempo – possam eventualmente alterar os resultados apresentados aqui, adota-se a hipótese de que a tendência geral de uma produção recente e tema pouco investigado se manteria.

Referências

BONIN, Jiani Adriana. Revisitando os bastidores da pesquisa: práticas metodológicas na construção de um projeto de investigação. In: MALDONADO, Alberto Efendy. et al. **Metodologias de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos**. 2º ed. Porto Alegre: Sulina, 2011. p. 19-42.

_____. Explorações sobre práticas metodológicas na pesquisa em comunicação. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 37, p. 121-127, dez. 2008. Disponível em: <<https://goo.gl/7HHxty>>. Acesso em 28 out. 2016.

CARVALHO, Mario Felipe de Lima. **“Muito prazer, eu existo!” Visibilidade e reconhecimento no ativismo de pessoas trans no Brasil**. 2015. 261 f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://goo.gl/WIMkdu>>. Acesso em: 28 out. 2016.

COTTA, Diego de Souza. **A rede sai do armário**: o ciberativismo do arco-íris. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 19, 2014, Vila Velha. Anais. Disponível em: <<https://goo.gl/jYkCPH>>. Acesso em: 28 out. 2016.

CRUZ, Carole Ferreira da. **Ativismo anti-homofobia**: embates político-midiáticos da Rede LGBT na Internet. 2014. 180 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Sergipe. Disponível em: <<https://goo.gl/Ht1zGz>>. Acesso em: 28 out. 2016.

_____; AGUIAR, Sonia. **Ciberativismo anti-homofobia**: invisibilidade, fragilidade do campo e nova agenda de pesquisa. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 35, 2012, Fortaleza. Anais. Disponível em: <<https://goo.gl/sGnaDH>>. Acesso em: 28 out. 2016.

HASCEMBERG, Ayrton; ENDO, Patricia Takako; CAMELO, Marjony Barros. **Redes sociais como ferramentas de apoio a movimentos civis**: uma análise qualitativa no movimento LGBT caruaruense. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 18, 2016, Caruaru. Anais. Disponível em: <<https://goo.gl/L9mQNH>>. Acesso em: 28 out. 2016.

LAZARIN, Lucas Roecker; RODRIGUES, André Iribure. **Um panorama da produção de teses e dissertações em Comunicação no Brasil que abordam a temática LGBT**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 37, 2014, Foz do Iguaçu. Anais. Disponível em: <<https://goo.gl/XnSQqf>>. Acesso em: 28 out. 2016.

LOPES, John Willian; VELOSO, Maria do Socorro Furtado. **Movimentos sociais em rede**: um estudo sobre a campanha #VoteLGBT. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 39, 2016, São Paulo. Anais. Disponível em: <<https://goo.gl/lo1L98>>. Acesso em: 28 out. 2016.

MARTINS, Jessé; MALINI, Fábio. **Os desejos e anseios da blogosfera LGBT brasileira em posts**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 15, 2010, Vitória. Anais. Disponível em: <<https://goo.gl/dBRkQG>>. Acesso em: 28 out. 2016.

NAZARÉ, Marcela Peregrino Bastos de. **Ação “pela” e “na” internet**: impactos dos usos das Novas Tecnologias de Comunicação e Informação nas ações políticas do movimento LGBT brasileiro. 2013. 102 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Maringá. Disponível em: <<https://goo.gl/mIKYL5>>. Acesso em: 28 out. 2016.

RAMOS, Jair de Souza. **A sexualidade como campo de batalha na internet**: grupos religiosos e movimentos feminista e LGBT na luta em torno dos direitos sexuais. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 37, 2013, Águas de Lindóia. Anais. Disponível em: <<https://goo.gl/qdLrr5>>. Acesso em: 28 out. 2016.

SARDINHA, Antonio Carlos; KERBAUY, Maria Teresa Miceli. **Comunicação e as novas tecnologias no contexto de atuação política dos movimentos sociais contemporâneos**: um estudo do portal ILGA.ORG. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 33, 2010, Caxias do Sul. Anais. Disponível em: <<https://goo.gl/NCbstg>>. Acesso em: 28 out. 2016.

SCHERER, Fernanda. **Consumo midiático em comunidade online**: um estudo sobre o Mundo T-Girl. 2016. 202 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Santa Maria. Disponível em: <<https://goo.gl/ZjVKGi>>. Acesso em: 28 out. 2016.

WOLLINGER, Leonardo Bertoldo Werner; OLIVEIRA FILHA, Elza Aparecida de. **O ciberativismo LGBT**: uma análise do Canal das Bee na articulação e promoção do diálogo entre jovens. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 17, 2016, Curitiba. Anais. Disponível em: <<https://goo.gl/GGqrLR>>. Acesso em: 28 out. 2016.